

VARIAÇÕES EM 5 TEMPOS

1

HÁ, presentemente, em especial nos países europeus, uma tendência de regresso à mística, que caracteriza bem o período de crise, que atravessamos. — Porque nós vivemos, sem dúvida, um período de acentuada crise mental.

Há espasmos patéticos, há delírios espectaculosos, há, direi até, a volúpia da tortura retumbando estrondosamente no *vácuo algido do nada*.

Mau sintoma a existência daquelas frases que, por impenetráveis, pretendem ser profundas. Deus, Infinito, Alma, que representam para a análise serena das forças em conflito? — Permito-me a resposta: — apenas reflectem um exponencial humano a ter em conta no momento da apreciação histórica. Cito, como exemplo, Kierkegaard.

Este, pois, o «*Período Europeístico*», como, com justeza, foi denominado por um dos nossos intelectuais, não sendo inédito, é, contudo, decisivo, bastando que cada um tenha o cuidado de o estudar para poder adaptar-se-lhe.

2

É aceitável que o homem, depois de dar-se facta da emoção, teve ideas. — Ideas, já se sabe, muito desordenadas, rudimentares e pouco claras; — direi até que eram ideas mais pròpriamente emotivas do que experimentais; ou ainda: coisas que êle sentia e interpretava, mas que não compreendia. Foi assim que a interjeição surgiu, antes que tóda a restante gramática — porque o homem, tendo necessidade de exprimir o seu estado íntimo, criou os gritos de dor, de prazer, de admiração, etc. — que exteriorizava, também, com a fisionomia. E, é lógico: — à medida que se foi desenvolvendo, teve necessidade de se explicar, de falar das suas observações; neste evoluír crescente foi criando as palavras — que têm feito, desde todos os tempos, uma curva ascencional, conforme com o progresso humano.

É esta a razão porque as palavras não podem existir independentemente das ideas.

As ideas existem como reflexos de estados interiores e as palavras criaram-se para exprimir ideas.

3

VERIFICA-SE que, no delírio subjectivo actual, os poetas são das individualidades mais afectadas; caídos num narcisismo demasiadamente primitivo, exprimem com fidelidade, o mais desconcertante caos mental; as suas produções, na maior parte mostrando batalhas interiores, sem sentido real ou ideal, são, com efeito, a expressão nítida, dum ciclo histórico em decadência.

Carrel diz que êste facta se deve à civilização científica em fracasso. Ora eu creio que Carrel se engana.

Assim, Carrel admite que a Civilização científica, tendo feito monopólio da vida, conduziu o homem a uma série de absurdos, quando, afinal, o caso é diferente. Esta reacção opera-se, precisamente, na ocasião em que a ciência, dando um passo decisivo para a orientação total do homem, demonstra a vacuidade de tóda a metafísica. E' uma reacção fatal, que pode mesmo dizer-se progressiva, porque revela uma maturidade histórica de perspectivas brilhantes.

4

DEVE ser feita, em meu entender, a separação seguinte: *mística e metafísica*. É que, se bem que o misticismo seja puramente metafísico, a metafísica pode não ser mística. Encontramos, assim, êsse grande número de poetas procurando desenvolver-se dentro de si próprios, tentando fazer chegar ao público o rumor da sua inquietação íntima. (Régio, Torga, M. Matias, etc.) É uma reacção metafísica, porem não mística, como em Junqueiro — sendo, até, ao contrário do que sucede com êste último, bastante positiva. — Porque o homem que procura mover-se dentro de si próprio, faz já qualquer coisa num sentido de Humanidade. Certo é que as suas frases, nunca podem satisfazer pela lógica, porque a Arte nada tem com a lógica. Resta agora que precisemos o que interessa mais à humanidade como agrupamento concreto: se o subjectivismo individualista de Régio, se o misticismo objectivo, colectivo e revolucionário dos idealistas abstractos (Junqueiro, etc.). — Qual quer dêles possui um Deus, com a diferença de que, o dos primeiros habita o homem, emquanto o dos segundos habita o céu.

Componente da época dos grandes movimentos colectivos, prefiro a primeira, que é humana, à segunda, que é divina.

Tenhámos ainda em conta que êste subjectivismo, é transitório, passado o qual o homem retoma o seu lugar na construção positiva do mundo.

conclusão na página imediata

Movimento Editorial

- Bilac e Portugal é o título de um volume de Mário Monteiro, que a Agência Editora Brasileira, Lisboa, editou.
- F. J. dos Santos Júnior fez sair: **Aspectos da Política Colonial** — «A Escravatura».
- Publicou últimamente a Livraria Bertrand: **«Sonetos de Bocage»**.
- **«Ramalho Ortigão» conferência da Joaquim Manso, saiu agora editada por Bertrand — Lisboa.**
- **«Seara Nova» editou: «Críticos e Criticados» (carta a um amigo) de que é autor José Régio.**
- **Cristais Partidos é o título de um livro de poemas, de que é autor Fernando Augusto.**
- **Últimamente saiu o novo livro de João de Barros «Os Deuses do Olimpo».**
- **J. Rodrigues & C.^a editou «Marialvas», peça em 1 acto de que é autor Mário Monteiro.**
- **Saiu agora, editado por «Presença» o novo livro de Poemas de Adolfo Casais Monteiro: «Sempre e Sem Fim».**
- **A Biblioteca da Agência Geral das Colónias editou o livro do Coronel E. A. Azambuja Martins: «O soldado africano de Moçambique».**
- **Pela Livraria «Bertrand» — Lisboa — foi posta à venda a 3.^a edição do livro do Conde de Sabugosa «Neves de Antanho».**
- **Por «Guimarães Editores» foi publicado «A Romanza de Glorinda», de Matilde Abanic.**
- **A Coleção Civilização fez sair: «O vagabundo Filósofo», de Máximo Gorki.**
- **Na mesma Coleção saiu: Um Club de má língua», de Dostoevsky.**
- **Carlos Sombrio publicou um ensaio sobre o escritor «João de Barros».**